Escrita de si: narrativas, constituição subjetiva e ação docente

Self-writing: narratives, subjective constitution and teaching action

Katilen Machado Vicente Squarisiⁱ (UnB)

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeidaⁱⁱ (UnB)

Cleonice Pereira do Nascimento Bittencourtⁱⁱⁱ (UnB)

Resumo: Pensar a Formação Docente na dimensão pessoal e profissional implica refletir a respeito da singularidade, historicidade e subjetividade produzindo sentidos e significados no processo de apropriação e transmissão do conhecimento. Este estudo qualitativo teórico-reflexivo, tem por objetivo apresentar a abrangência das narrativas escritas, como possibilidades para compreensão da constituição docente e possíveis repercussões na práxis educativa. Considera-se que nuances das narrativas permitem contemplar o desenvolvimento humano no sentido subjetivo e singular do Eu professor. Como premissa norteadora, sustenta-se que, para alcançar resultados desejáveis na ação docente, faz-se necessário o entendimento do contexto em que os professores estão inseridos. Utiliza-se referenciais do aporte teórico da psicanálise e educação. Para tanto a abordagem biográfica de narrativas escritas: memória educativa, autobiografia, histórias de vida e memorial acadêmico, são reconhecidas como produtoras de sentidos e significados para o desenvolvimento e constituição subjetiva docente com possíveis implicações na experiência educativa.

Palavras-chave: narrativas; formação docente; subjetividade; psicanálise e educação.

Abstract: Thinking about Teacher Education in the personal and professional dimension implies reflecting on the singularity, historicity, and subjectivity, producing senses and meanings in the process of appropriation and transmission of knowledge. This qualitative theoretical-reflective study aims to present the scope of written narratives, as possibilities for understanding the teaching constitution and possible

repercussions on educational praxis. It is considered that nuances of the narratives allow us to contemplate human development in the subjective and singular sense of the me as a teacher. As a guiding premise, it is maintained that, to achieve desirable results in the teaching action, it is necessary to understand the context in which the teachers are inserted. Theoretical references of psychoanalysis and education are used. For this, the biographical approach to written narratives: educational memory, autobiography, life stories and academic memorial, are recognized as producers of meanings and meaning for the development and subjective constitution of teachers with possible implications for the educational experience.

Keywords: narratives; teacher training; subjectivity; psychoanalysis and education.

Introdução

Reconhecemos que a dimensão pessoal demarca a construção e (re)construção da subjetividade e identidade docente. É nesse cenário que propomos discorrer sobre as contribuições dos dispositivos de narrativa escrita como abordagem biográfica nas trajetórias de escolarização e formação, um dos princípios que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento da dimensão profissional. Eles se entrecruzam e se inter-relacionam mutuamente conforme sinaliza escritos de Souza (2006, p.35) “os saberes da experiência demarcam na nossa memória a aprendizagem que nos constitui como pessoas e como profissionais”, ou seja, não há indissociabilidade entre o eu pessoal e o eu profissional.

Nesse sentido, a escuta do professor por meio das narrativas escritas, entre as quais a memória educativa, autobiografia, histórias de vida e memorial acadêmico, contém sentido de inscrição. O sujeito vai se inscrevendo na ordem discursiva na medida em que procura dar conta de uma história que lhe é anterior, “constituindo-se” subjetivamente e recuperando as relações originárias.

Discussões com ênfase no ser professor vêm ocorrendo desde o século XV inspiradas em diferentes aportes epistemológicos, de caracterização do fazer profissional e, conseqüentemente, do estatuto da profissão e da atividade docente. Assim, quando escrevemos a respeito, precisamos nos interrogar: afinal, de que lugar estamos falando?

Pensamos que o professor, em sua formação tem-se deparado com o hegemônico discurso da garantia de educação para todos. Assume-o em sua ação docente cotidiana, de

forma que esse devir em grande parte o insere numa necessidade formativa como construção da carreira profissional.

A proposta teórico-reflexiva norteia-se no propósito de refletir sobre a abrangência das narrativas escritas como possibilidade de constituição da subjetividade e identidade docente e possíveis repercussões na práxis educativa.

Aborda-se inicialmente a questão da formação do Eu professor enquanto Ser humano diante dos desafios na contemporaneidade que se implicam e comparecem nas narrativas. Na sequência, trata-se das narrativas e seus desdobramentos, em que o conceito do significante/significado se faz presente na escuta de si e do outro em dispositivos narrativos disponíveis.

A quarta seção, intitulada Narrativas à luz da teoria psicanalítica, aponta as dimensões epistemológicas e possíveis repercussões na constituição subjetiva do professor. Em seguida, discute-se as escritas narrativas a partir das contribuições de autores referenciados na área da Psicanálise e Educação e finaliza-se nas considerações finais.

A formação do Eu professor e a implicação das narrativas

No que concerne à formação docente, ocorre um movimento no âmbito de reformas educacionais que, em contexto atual, parecem traduzir mecanismos de controle e desvalorização da formação. Configura-se como problema político porque se vincula ao sistema de controle e de regulação social pelas relações que se estabelecem entre poder e saber. Haja “[...]visto que se articula ao conceito de homem e das suas relações com o mundo e com o projeto social” (SOUZA, 2006, p.24).

O autor supracitado indica os anos 90, como período em que surgiram pesquisas sobre formação de professores que abordam e tematizam as histórias de vida, a memória, as representações, os ciclos de vida, o trabalho com autobiografia, narrativas relacionadas ao exercício da profissão, em contexto inicial ou em final de carreira. Essa perspectiva de pesquisa vincula-se à concepção do movimento internacional de formação ao longo da vida, o qual toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação.

Nesse sentido, Souza (2006, p.23), em crítica pertinente, sinaliza que:

O acelerado desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, o debate e a implementação do neoliberalismo e da economia globalizada marcam problemas no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e reafirmam um movimento de crise de identidade, de profissionalização e da proletarianização do trabalho docente, incidindo sobre a “figura” do professor.

O termo utilizado, profissionalização, para Souza (2006) não se emprega como sinônimo de qualificação, conhecimento, capacidade, formação e outros traços associados, mas como expressão de uma posição social e ocupacional, da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção e de processo de trabalho.

Nóvoa (1992), no livro *Vidas de professores*, uma das referências precursoras desse movimento, reitera a importância da formação dos professores em outras perspectivas que convergem com a reflexão proposta. Afirma que:

A literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos de formação, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal e profissional; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação. (NÓVOA, 1992, p.15)

No contexto da formação do professor, considera-se a posição de Nóvoa e outros marcos teóricos fundamentados numa perspectiva metodológica que incide no humano, o sujeito implicado no mundo simbolizado. Pensa-se que é possível produzir o novo olhando para o passado, na medida em que o ser humano faz a experiência da vida e de si mesmo no tempo, mediada pela linguagem e formas simbólicas. A narrativa é o lugar onde a existência humana toma forma - de uma história, pois a memória traz a consciência de si.

Narrativas e seus desdobramentos na formação do professor

O significante narrativa pode ser pensado sob vários e diferentes significados. Entre eles, o processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento, uma situação, por meio de palavras, orais ou escritas. Sendo assim, “O significado não é o que se ouve. O

que se ouve é significante. O significado é o efeito do significante” (LACAN, 1972-1985, p.47).

Anacleto, ao escrever sobre significante, pontua que

no centro da estrutura da linguagem formada por marcas diferenciais que ao se articularem produzem efeitos de sentido Lacan coloca um furo. Diz que existe aí uma falta de um significante que seria justamente aquele que completaria a cadeia e que seria responsável pelo fechamento último da significação. (ANACLETO, 2019, p.28)

Assim sendo, quando se propõe compreender e pensar a formação do professor a partir do uso de dispositivos narrativos, admitimos que o professor traz nos escritos marcas de linguagem que produzem efeitos de sentidos como um furo.

Parte-se da visão de que, ao narrar, o professor coloca-se subjetivamente. Segundo Sartre e Ferreira (1978, p.273) “o ponto de partida é com efeito a subjectividade do indivíduo”, lembrando que subjetividade advém etimologicamente do latim *subjectum*, que significa submetido ao Outro com fundamental papel da linguagem expressa em diferentes dimensões, na constituição subjetiva.

Para a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco no livro *Dicionário Amoroso da Psicanálise* (2019), quanto mais recusamos subscrever a arte biográfica ou autobiográfica, mais terminamos por ceder a ela de uma forma ou de outra.

De acordo com Paul Ricoeur (1983), a historicidade e a narratividade possuem relação simbiótica, e a história é um discurso de bases narrativas, pois fundamenta-se num enredo que é traçado e até determinado pelo historiador. A escrita é muito mais do que mera fixação material.

Neste sentido, a biografia, ou o método biográfico, implica, portanto, em ruptura com os valores da epistemologia clássica. O narrador, na negociação com o real, alimenta o relato com elementos da própria vida, numa tentativa de representar as nuances de sua trajetória até o momento do escrito (SOUZA, MATOS-DE-SOUZA, 2017).

De outro modo, Jean Rohou discorreu sobre a revolução da condição humana pertinente aos dias atuais. Posiciona-se dizendo que a história está presente na biografia de nós humanos. E ainda:

Entendo aqui por condição humana o conjunto das relações do homem com o mundo natural e artificial (em suas atividades físicas, econômicas, científicas e técnicas), com os outros (na sua vida social), com o poder (na

organização política), com os valores, com Deus ou outras transcendências (pela ideologia, pela moral, pela religião) e consigo mesmo (pela cultura). A inscrição dessas relações em cada um de nós constitui uma personalidade histórica comum a todos os membros de um mesmo espaço-tempo, ainda que diversificada, de acordo com os meios sociais, culturais, familiares, a idade, o sexo, as individualidades. Essas relações evoluem incessantemente e, às vezes, de modo tão rápido e radical que se invertem, o que constitui uma revolução da condição humana. (ROHOU, 2004, p.116)

Delory-Momberger (2012) afirma que a condição biográfica designa inversão da relação histórica entre o indivíduo e o social, na qual as consequências das dificuldades sociais e econômicas e das dependências institucionais sobre a existência individual são percebidas como decorrentes da responsabilidade individual e do destino pessoal.

A autora permite pensar na temporalidade como dimensão constitutiva da experiência humana. O homem experimenta a existência no sentimento de unidade e de identidade mantido através do tempo. Não temos relação direta, transparente, com o vivido e com o desenrolar da vida, ou seja, a relação é mediatizada pela linguagem e por formas simbólicas.

Nessa perspectiva, pensamos formação de professores como um caminho ou necessidade de trilhar um *curriculum vitae* (curso da vida). "É sobre o pano de fundo dessa temporalidade constitutiva da experiência humana que a narrativa encontra sua inspiração e seu estatuto antropológicos" (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.38).

Entre eles, as narrativas, como pontua Ricoeur: "Não temos acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas, a seu respeito, por outros ou por nós mesmos" (RICOEUR, 1983, p.113). Aliás, inexistente experiência humana que já não seja mediatizada por sistemas simbólicos.

Dispositivos narrativos e possíveis contribuições na formação do professor

O uso de narrativas em estudos e pesquisas com foco na formação do professor, também tratada por Sarlo (2007) especialmente no que tange ao memorial acadêmico, surge oriundo de ruptura paradigmática como método que busca compreender a narração em primeira pessoa, ou seja, uma maneira de conhecer a "verdade" do passado.

De outro modo, também a escrita da memória educativa como significativo dispositivo de pesquisa oferece ao professor oportunidade de refletir e registrar a trajetória escolar proporcionando um olhar subjetivo sobre a caminhada. Almeida (2001) ressalta a importância da memória do professor pensada como um enigma a ser decifrado. Através dela, alguma verdade pode se insinuar, ou seja, o passado escolar se constitui matéria-prima da verdade que emerge.

Em seus escritos, Almeida e Bareicha (2015) sinalizam que as produções são sempre singulares porque trazem a marca da incompletude, da impossibilidade de delimitar o que é da ordem do consciente ou do inconsciente. Talvez seja por isso que, para compreender a constituição da subjetividade do professor e o lugar do infantil nesse processo, devemos reconhecer que sempre vamos nos deparar com buracos, lapsos ou esquecimentos que teimam em aparecer, pois a escrita transporta resíduos que atravessam a narrativa.

Para compreender o dispositivo de escrita da memória educativa, retornamos à etimologia da palavra Memória que vem do latim *memoriae*, quer dizer faculdade de reter ideias, impressões e conhecimentos adquiridos, lembranças, reminiscência e recordações. Um dispositivo como instrumento em que informações podem ser registradas, conservadas e, posteriormente, recuperadas (FERREIRA, 2010).

Acrescenta-se que

O dispositivo da memória educativa sugere que o pesquisador permita ao sujeito pesquisado retornar ao passado. Nesse processo, lembranças referentes ao cenário pedagógico são reavivadas, de modo que seja permitido um re-olhar sobre sua trajetória discente e/ou docente. Assim, momentos, pessoas, experiências, situações são resgatadas na memória. Esse movimento de retorno, possibilita ao sujeito sistematizar criticamente suas representações e seus sentimentos, a partir de sua experiência como aluno, em relações educativas pessoais e/ou profissionais como docente. (BITTENCOURT, ALMEIDA, PATO, SQUARISI, 2021, p.8-9)

De outro modo, Pineau e Le Grand (1996) referem-se às práticas da história de vida como fronteiras do existencial e profissional, público e privado, do invisível ao visível. Assim, pesquisa e construção de sentido remetem a fatos temporais.

Entende-se que

A autobiografia é um gênero geral, pois se dissermos apenas que um texto X é uma autobiografia, não estaremos lhe atribuindo nenhuma outra especificidade. O que irá vestir o gênero autobiográfico será o aspecto textual escolhido e este pode ser: narrativa autobiográfica, história de vida,

depoimento, entre outros. É o aspecto textual que rompe com a generalização e dá ao texto seu sentido próprio. (VASCONCELOS e CARDOSO 2009, p.655-656)

Portanto na perspectiva autobiográfica, em que as memórias docentes são contempladas como narrativas, significa dar voz às pessoas e, em particular, aos professores, oferecendo-lhes liberdade para que se ouçam e se façam ouvir (RODRIGUES, GALVÃO e REALI, 2014). Que o professor possa afinal compreender sua escolha ao ser inserido profissionalmente.

De acordo com Souza (2006), os momentos de crise, legitimação e interesses políticos no Brasil perpassam do espaço de formação à compreensão do que é formar, constituir-se professor, até as implicações e deformações legais e políticas. A maneira como se estrutura e a forma como constrói a narrativa revelam significados de aspectos subjetivos que reconfiguram sua historicidade, consciência de si e do mundo social.

Para Delory-Momberger (2012, p.31), “o curso da vida tende, assim, a se instituir o lugar de processos de seleção, de organização e de integração mediante os quais os indivíduos se inscrevem no mundo social e trabalham para a própria socialização”. Não há vida humana sem narrativa. O homem vive a vida contando-a, para si mesmo e para os outros, porque não há humanidade senão na sociedade dos homens e, portanto, na história. Para Lacan é “no nível do desejo que o sujeito se conta” (2016[1958-1959], p. 438).

Desse modo, os dispositivos narrativos contribuem para que o professor, ao narrar, escrever e discorrer sobre sua história repense a trajetória profissional docente e pessoal. Reconfigure a posição identitária enquanto sujeito singular e social diante dos fatos históricos que permeiam sua carreira inicial, continuada ou em conclusão, que circunda o seu próprio Eu.

Narrativas à luz da teoria psicanalítica

As dimensões epistemológicas e suas repercussões têm impacto nas pesquisas que tratam da formação de professores, haja vista a multiplicidade delas. Consideram-se os aspectos subjetivos com foco em autores que discorrem sobre a psicanálise e educação,

partindo do pressuposto de que, tanto na escuta do sujeito quanto nas histórias em forma de narrativas escritas, ocorre uma enunciação mínima, o sujeito inconsciente comparece.

Para Freud, o inconsciente é o infantil que funda o sujeito, circunda suas bases psíquicas que se manifestam em linguagem inconsciente, ou seja, ainda que adulto, retorna a sua base “infantil”, trazendo na memória marcas de experiências. De acordo com Lajonquière (2010), a subjetividade é o conjunto extensível de operações de uma linguagem singular que comporta os registros real, simbólico e imaginário.

A tríade-formulada por Lacan-real, simbólico e imaginário possibilita a seguinte tese: toda cria de *homo sapiens* nasce incompleta ainda que tomada num impulso à complementação ou acabamento biológico para sempre impossível. O caráter biológico incompleto da cria é real, enquanto a ânsia de totalidade faz pulsar o registro imaginário. O “complemento” é o simbólico, rodado uma e outra vez há 40 mil anos e, se o coloco entre aspas, é precisamente porque, sendo inconsistente, ele é de fato um suplemento que recoloca, por sua vez, novamente a incompletude primeira real. (LAJONQUIÈRE, 2010, p.88)

De outro modo, para Jacques André (2015, p.91), o conceito de inconsciente envolve expressões em que o sujeito se manifesta por ato falho, sonhos, sintomas, de modo a utilizar termos como, “Isso foi mais forte que eu”, “Isso me escapou”, “Isso me veio de repente”. Assim, o sujeito humano traz em suas narrativas marcas do infantil, que remontam à formação subjetiva e se manifestam de modo inconsciente.

Tanis (1995), no livro *Memória e Temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*, pontua que tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos na existência. A memória, em toda sua complexidade, guarda consigo a capacidade de resgatar o tempo da história. Não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual.

O próprio Freud discorreu sobre suas experiências e influências do passado para tratar da presença marcante de seus mestres em sua formação pessoal, afirmando que “[...]era difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (FREUD, 1914, 2006 p.248).

A genialidade de Freud está em ele haver compreendido e refletido que, para aprender as causas secretas que movem um ser, que movem esse outro que sofre e a quem

escutamos, é preciso, primeiro e acima de tudo, descobrir essas causas em si mesmo, voltar a si – sempre mantendo contato com outro que está diante de nós, o caminho que vai de nossos próprios atos a suas causas (NASIO,1995).

Assim, reconhecemos que o aporte teórico da psicanálise permite pensar que as escritas narrativas podem clarear e fazer avançar nossa compreensão sobre a constituição subjetiva do professor, especialmente quando busca lugar de reconhecimento e desejo sustentado no Outro. Afinal, a escrita possibilita transformação singular das experiências e aprendizagens vivenciadas no decorrer da profissão e da práxis educativa.

Silva e González-Monteagudo (2016) reiteram que, no contexto educativo, incorporaram-se diversos estudos qualitativos tomando as histórias de vida como metodologia e estudo da experiência de alunos e educadores, espaço de autorreflexão dos sujeitos e a afirmação da riqueza dos processos de subjetivação envolvidos nas relações de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da educação básica.

A psicanálise representa importante aporte desses saberes sobre o homem, constituindo-se referencial teórico impossível de ignorar no processo de transformação paradigmática. Ao afirmar a existência da realidade psíquica e seu caráter genuinamente inconsciente, Freud subverteu as concepções centrais elaboradas pelo paradigma da modernidade sobre o homem, o conhecimento e o ser. Assim, não é só uma nova concepção antropológica que emerge do saber produzido pela psicanálise, mas também nova perspectiva ontológica e epistemológica (PLASTINO, 2001).

De acordo com André e Gatti (2010), a pesquisa qualitativa na área da educação tem sido desenvolvida em algumas bases: correntes fenomenológicas; perspectiva histórica das vertentes dos estudos autobiográficos, das histórias de vida e da história oral; referenciais originados na sociologia e no campo dos estudos culturais; estudos apoiados em autores pós-modernos; e estudos etnográficos sobre o âmbito da educação no cotidiano da escola.

Destacam-se como os mais significativos, em termos de produtividade, os estudos centrados na perspectiva do sujeito e na linha sócio-histórica, os fundamentados na teoria das representações sociais e nas investigações sobre a constituição da identidade do sujeito, fundamentados na psicologia social, na sociologia das profissões e na psicanálise.

As narrativas escritas trazem experiências pessoais e profissionais guardadas como marcas na memória e na própria história para trazer ao real situações simbólicas que se

manifestam em traços que os fazem recordar o passado e constituir a trajetória pessoal, profissional e social.

As escritas narrativas na formação do professor

A formação inicial e continuada norteia a constituição do professor repercutindo na prática pedagógica. Para Ferreira (2009), a conceituação de educação relacionada ao contexto social vem de várias concepções. Porém há, entre quase todos os autores, concordância em dois aspectos. O primeiro, que a educação sempre expressa ideário pedagógico a qual, implícita ou explicitamente, se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade. O segundo, na realidade social concreta, em que o processo educacional se dá por meio de instituições específicas como família, igreja, escola, comunidade, que se tornam porta-vozes de determinada doutrina pedagógica.

Bastos (2018, p.128) anuncia que, mesmo que “uma formação docente enfatize a importância do protagonismo do professor e de sua prática como sujeito reflexivo, estará trabalhando a formação na perspectiva da racionalidade”. A autora defende que as autobiografias foram consagradas em trabalhos voltados para a formação docente como forma de reflexão e elaboração do pensamento.

Na perspectiva da psicanálise, todavia, o sujeito é pensado como constitutivamente social, não sendo então possível pensá-lo nem à margem da sociedade, nem à margem da natureza. Em outras palavras: se, para o paradigma moderno, o sujeito precede a sociedade, na concepção da teoria psicanalítica os processos de subjetivação e de socialização são indissociáveis (PLASTINO, 2001).

Na escola, o professor, além de exercer ofício, pode fazer descobertas de si mesmo relativas a desejos, fragilidades, potencialidades. Para a psicodinâmica do trabalho, as relações entre o sofrimento e a realidade sustentam o desenvolvimento da subjetividade, enquanto que, para o viés da psicanálise, o processo se dá a partir das pulsões e seus destinos (DEJOURS, 2004).

Lajonquière (1999) afirma a necessidade de conhecer o passado para não morrer subjetivamente. É fundamental que se tenha uma história para poder sustentar-se, construindo uma verdade histórica de maneira que seja possível a recriação da relação com

o vivido. Diante disso, sustenta-se a concepção da memória como constituinte da subjetividade do ser humano quando, a partir da reflexão, torna-se possível a ressignificação do sujeito como participante ativo e criador da própria história.

Nessa perspectiva, a atividade profissional docente pode ser reconfigurada com fundamentos no desenvolvimento humano e sustentada no direito à educação, ação docente, formação, marcas, anseios que emergem da e na formação continuada, em que a escrita narrativa e a escuta dos sujeitos se fazem relevantes.

Portanto, os processos de escrita de si como espaços que contribuem na formação do professor - memória educativa, histórias de vida, autobiografias – abrem a possibilidade de o professor, ao escrever, inscrever-se e encontrar, como diz Freud, o estranho familiar que está em si.

Considerações finais

A partir da posição dos autores que estudam as narrativas escritas, vislumbramos possíveis contribuições na formação do professor possibilitando que ele, a partir da escrita e da própria escrita de si, possa refletir subjetivamente sobre sua atuação, o convívio com seus pares, as ações e práticas no campo profissional.

Existem momentos na vida em que “a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 1994, p. 13).

Compreender a constituição da subjetividade docente através dos dispositivos narrativos teoricamente fundamentados permite outro olhar na formação docente, tendo em vista a constituição de um saber singular que perpassa pela subjetividade e práxis educativa como processo de constituição do Ser professor nas relações cotidianas de ensinar e aprender.

Enfim, pensamos que essa pesquisa teórico-reflexiva poderá suscitar novos estudos e percepções das práticas formativas no espaço de constituição do docente, em qualquer fase da carreira. Sugere-se que outros estudos possam ser desenvolvidos a partir das narrativas autobiográficas no campo da educação com vistas a compreender e ampliar contribuições no âmbito da profissão docente.

Bibliografia citada

ALMEIDA, Inês Maria. **Re-significação do papel da psicologia da Educação na Formação Continuada de Professores de Ciências e Matemática**. Brasília: IP/UnB, 2001. 222fls. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

ALMEIDA, Inês Maria; BAREICHA, Paulo. **Da escrita à inscrição: o lugar do infantil na constituição subjetiva do professor**. Congres International Psychanalyse. Et Education, Paris, 2015.

ANACLETO, Júlia. **Conhecimento e desejo de saber: de Piaget a Lacan**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

ANDRÉ, Jacques. **Vocabulário Básico da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. "A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil." In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologia da pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BASTOS, Marise. "Sobre a escuta de professores na formação docente." In: VOLTOLINI, Rinaldo. **Psicanálise e formação docente: antiformação docente**. São Paulo: Zagodoni, p. 125-138, 2018.

BITTENCOURT, Cleonice; ALMEIDA, Inês; PATO, Claudia; SQUARISI, Katilen. **Memória Educativa como dispositivo de pesquisa: tecendo laços na Universidade**. Revista Educação, Santa Maria, v.46, p.2-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/40682/html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, Trabalho e Ação**. Produção, p. 27-34, 2004.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A Condição Biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal: Editora da UFRN, 2012.

FERREIRA, Aurélio. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Naura. **Supervisão Educacional: uma reflexão crítica**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1994.

FREUD, Sigmund. **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914-2006.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958-1959-2016.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica. Escritos de Psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NÁSIO, Juan-David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NÓVOA, António. *Vidas de professores. O professor é uma pessoa*. Porto: Porto editora, 1992.

PINEAU, Gaston; GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. 2. ed. Paris: Universitaires de France, 1996.

PLASTINO, Carlos. **O primado da afetividade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

RODRIGUES, Marilce; GALVÃO, Cecília; REALI, Aline. **Os anúncios das vozes de professores em memorial de formação docente on-line**. Revista Eletrônica de Educação - REVEDUC, São Carlos, v. 8, p. 15-33, 2014. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/704/353>>. Acesso em: 13 abril. 2020.

ROHOU, Jean. **O século XVIII: uma revolução na condição humana**. Paris: Seuil, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário amoroso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SARLO, Beatriz. **Tempo e passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTRE, Jean-Paul; FERREIRA, Vergílio. **O existencialismo é um humanismo**. Presença, 1978.

SILVA, Wilton; GONZÁLEZ- MONTEAGUDO, José. **Cartesianos e Hermeneútics: El memorial académico como forma de autobiografía docente en Brasil**. Sevilla: Cuestiones pedagógicas, 2016.

SOUZA, Elizeu. **Abordagem Biográfica e Formação de professores: Conceitos, perspectiva formativa e Autoformativa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, Elizeu; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Literatura e educação: narrativas na pesquisa educacional. In: OLIVEIRA, Inês; REIS, Graça (org). **Pesquisas com formação de professores: rodas de conversa e narrativas de experiências**. Petrópolis: IP/Rio de Janeiro, p.149-170, 2017.

TANIS, Bernardo. **Memória e Temporalidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

VASCONCELOS, Sandra; CARDOSO, Maria. **Novas Fronteiras Linguísticas: Um Estudo Sobre o Gênero Autobiográfico**. Revista de Literatura e Linguística Eutomia, Recife, v.1, n.03, p.652-664, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1835/1419>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ⁱ Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Orientadora Educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora do Laboratório Multidisciplinar de Formação e práticas educacionais dialógicas - Lampedi - UFT. E-mail: katilensquarisi@gmail.com

ⁱⁱ Pesquisadora-colaboradora do PPGE/FE na Universidade de Brasília (UnB), linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade (EAPS). Doutora em Psicologia pela UnB/IP; Pós-doutora pela FEUSP. E-mail: almeida@unb.br

ⁱⁱⁱ Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora do Laboratório Multidisciplinar de Formação e práticas educacionais dialógicas - Lampedi - UFT. E-mail: cleonascimentoead@gmail.com